

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS - TO
CURSO: PEDAGOGIA/LICENCIATURA**

BRUNA DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

BRUNA DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Monografia apresentada à UFT como pré-requisito de conclusão do curso de Pedagogia/Licenciatura do *Campus* de Miracema do Tocantins, sob orientação do prof. Dr. Márcio Antônio Cardoso Lima.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- O43i Oliveira, Bruna de.
A importância do estágio para a formação docente. / Bruna de Oliveira. –
Miracema, TO, 2018.
39 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2018.
Orientador: Márcio Antônio Cardoso Lima
1. Estágio supervisionado. 2. Formação docente. 3. Prática pedagógica. 4.
Professor - Formação profissional. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

BRUNA DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

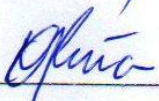
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Miracema, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciado e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 11/12/ 2018.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Márcio Antônio Cardoso Lima, Orientador, UFT



Prof. Dr. Antonio Miranda de Oliveira, Examinador, UFT



Prof. Dr. José Carlos da Silveira Freire, Examinador, UFT

Dedico este trabalho a minhas filhas Maria Júlia e Alícia, amores da minha vida que me deram forças para continuar minha trajetória ao longo do curso.

Aos meus pais, Marilza e Batista pelo exemplo de vida, e ao incentivo que sempre me deram aos meus estudos. Mas dedico principalmente, esta conquista a minha amada Mãe, pela paciência comigo e com minhas filhas.

Ao meu esposo Paulo pela compreensão ao longo desta trajetória.

A minha querida amiga e companheira de curso, Karla Mirelli, pela amizade, companheirismo durante o curso e, acima de tudo, agradeço pela confiança depositada em mim.

Dedico também este trabalho, às minhas companheiras de curso Marinêz e Maria de Fátima, pelo incentivo e grande ajuda durante o curso.

Ao professor Márcio Antônio Cardoso Lima, por aceitar a orientação deste trabalho e conduzir seus conhecimentos, com muita sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos que me ajudaram a concluir este trabalho.

Meus sinceros agradecimentos...

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de estar concluindo este curso de Pedagogia.

A minha Mãe pelos seus ensinamentos, e por sempre me incentivar a estudar e buscar a superar minhas dificuldades.

Ao meu marido, por me acalmar nas horas de angústia e por ter contribuído para que eu chegasse até aqui.

A minha amiga Karla Mirelli, pelos seus conselhos que contribuíram muito para a conclusão deste trabalho.

A minha colega de estágio Marinêz, meu muito obrigado pelos seus ensinamentos e companheirismo no decorrer do curso.

Ao professor Márcio Antônio pela sua paciência comigo, e por ter acreditado na minha capacidade enquanto acadêmica. A sua sabedoria enriqueceu-me grandemente no decorrer da construção deste TCC. Não tenho palavras para lhe agradecer, mas peço a Deus todos os dias para abençoar sua vida e sua família.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vem existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam á escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

(Paulo Freire).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo sistematizar a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado da turma de concluintes 2017/1. Trago para contribuir com a minha pesquisa três monografias sobre o Estágio Supervisionado vivenciado no curso de Pedagogia (licenciatura) do *campus* Universitário de Miracema/UFT: Jesus (2008); Silva (2009) e Neves (2011). Utilizei nesta experiência com o ensino a metodologia da pesquisa qualitativa e da entrevista estruturada como instrumento de coleta de dados. Como fundamentação teórica utilizei Marconi & Lakatos (1986), Gerhardt & Silveira (2009) e Poupart (2008) que além de nortear meu exercício como pesquisadora, também contribuíram para meu conhecimento acadêmico. Por fim, minhas opiniões sobre o Estágio Supervisionado. A parte prática do nosso curso possui inúmeros problemas, mas, não posso deixar de mencionar o enorme aprendizado que tivemos durante o estágio, pois ensinar é uma via de mão dupla, ensino e aprendo ao mesmo tempo com meus alunos.

Palavras-chave: Experiência. Pesquisa. Ensino. Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

The present work aims to systematize the experience experienced in the Supervised Internship of the graduating class of 2017/1. I bring three monographs on Supervised Internship in the course of Pedagogy (undergraduate) of the University campus of Miracema / UFT: Jesus (2008) to contribute to my research; Silva (2009) and Neves (2011). I used in this teaching experience the qualitative research methodology and the structured interview as a data collection instrument. As a theoretical basis, I used Marconi & Lakatos (1986), Gerhardt & Silveira (2009) and Poupart (2008) who, besides guiding my exercise as a researcher, also contributed to my academic knowledge. Finally, my opinions on the Supervised Internship. The practical part of our course has many problems, but I can not fail to mention the enormous learning that we had during the internship, because teaching is a two-way, teaching and learning with my students at the same time.

Keywords: Experience. Research. Teaching. Supervised Internship.

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS.....	10
CAPÍTULO I.....	12
2 EXPERIÊNCIAS COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/UFT	12
2.1 Jesus (2008)	12
2.2 Silva (2009).....	15
2.3 Neves (2011).....	17
CAPÍTULO II.....	21
3 METODOLOGIA.....	21
CAPÍTULO III	24
4 O QUE PENSAM DIFERENTES ATORES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFT/CAMPUS DE MIRACEMA.....	24
4.1 Observações e regências do estágio.....	24
4.2 Teoria aprendida na universidade	25
4.3 Disciplinas de fundamentos e metodologias	27
4.4 Teorias aprendidas no curso.....	27
4.5 Alunos reais x alunos idealizados nos livros acadêmicos	28
4.6 Atividades trabalhadas durante as regências	30
4.7 Reflexões ao final das regências	31
4.8 Experiências com o estágio e as disciplinas do curso	32
4.9 Recomendações para melhorar o estágio do curso.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE	38

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Este trabalho tem como objetivo apresentar a sistematização da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado da turma de concluintes 2017/1. Ele foi construído num processo de formação conduzida pela pesquisa qualitativa, pois analisa de forma mais clara o comportamento humano. E permite que façamos uma análise detalhada de hábitos, atitudes de um grupo escolhido.

Neste sentido para que o leitor compreenda os caminhos percorridos desta pesquisa, passarei para o anúncio de todos os capítulos demonstrando as etapas percorridas.

No primeiro capítulo apresentei três monografias sobre o Estágio Supervisionado vivenciado no curso de Pedagogia (licenciatura) do *campus* Universitário de Miracema/UFT: Jesus (2008), Silva (2009) e Neves (2011).

Registram-se nas análises, o esforço por mudanças do curso de Pedagogia e, principalmente, do estágio. Pois os acadêmicos estão indo para o estágio totalmente despreparado. Desta forma surge a vontade de realizar um novo projeto com vista à valorização do sujeito, do diálogo e da participação do aluno na apreensão e construção do conhecimento.

No segundo capítulo consta a proposta metodológica que engloba dois procedimentos: a pesquisa qualitativa e a entrevista estruturada. Início pela pesquisa qualitativa, onde seu foco principal é analisar o caráter subjetivo do objeto analisado. Estuda suas particularidades e experiências individuais de um determinado grupo escolhido.

Na pesquisa qualitativa o objetivo não é quantificar dados, mas sim, compreender o comportamento do grupo/alvo. O pesquisador é ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas pesquisas.

A entrevista estruturada é um instrumento utilizado pelo pesquisador para tentar eliminar possíveis opiniões e interferências nos resultados por parte do entrevistador, pois o entrevistado fica limitado ao questionário. Esse tipo de entrevista é ideal para encorajar a pessoa a falar e se expressar. Esse tipo de estruturação possibilita a diminuição de erros, e assim não favorecendo ou prejudicando nenhum entrevistado.

No terceiro capítulo sistematizei as entrevistas realizadas com a turma de concluintes 2017/1. O objetivo principal deste capítulo está centrado em compreender *qual o papel do estágio supervisionado na formação do professor*. Apresentei os dados coletados através de entrevistas estruturadas. Para essa fase tive como suporte teórico: Marconi & Lakatos (1986), Gerhardt & Silveira (2009) e Poupard (2008), no intuito de compreender

como um pesquisador deve agir antes e durante sua pesquisa e no processamento dos dados obtidos.

Outro ponto muito importante deste capítulo foram as leituras que fiz na intenção de compreender o estágio supervisionado: Freitas (2009), Pimenta & Lima, (2009) e Drummond; Amorim; Bezerra & Corsino (2016). Estas autoras tratam especificamente da problemática do Estágio Supervisionado, onde me levaram a refletir sobre como está sendo trabalhado o estágio na universidade e nas escolas. Desta forma, me ajudaram-me a entender as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

Portanto, penso uma nova maneira de ensino diferente da qual está inserida nas escolas atuais. Métodos que vão contra a imposição, a repetição e acima de tudo respeito com nossas crianças. E técnicas que permitam a construção de práticas interculturais, que serão implementadas através de diálogos, é algo imprescindível e urgente.

Deste modo, no trabalho aqui apresentado, busquei não apenas retratar uma realidade escolar da qual já tinha conhecimento. Mas, tentar descrever nossos medos, nossas inseguranças e não mais importante, nossas expectativas em relação ao estágio supervisionado.

O fato é que encontramos no estágio um espaço privilegiado onde tínhamos a oportunidade de confrontar as teorias estudadas na universidade. E também tivemos momentos de observação/ação/reflexão, e acima de tudo respeito com a realidade da escola e daquelas crianças.

CAPÍTULO I

2 EXPERIÊNCIAS COM O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA/UFT

Apresento, inicialmente, três monografias sobre o Estágio Supervisionado vivenciado no curso de Pedagogia (licenciatura) do *campus* Universitário de Miracema/UFT: Jesus (2008); Silva (2009) e Neves (2011), em indicação, também, de tal temática como objeto de minha investigação.

2.1 Jesus (2008)

Iniciarei, nesse momento, com a transcrição do trabalho de Jesus (2008). Ao iniciar seus estudos em 2005, ela vivenciou as diferentes atividades proporcionadas no curso de Pedagogia (licenciatura): disciplinas, atividades de extensão, de pesquisa e simpósios. Sentia-se, também, incomodada com a pouca articulação da discussão teórica com as vivências realizadas nas escolas durante as fases de observação e, mais ainda, na fase de regência.

A monografia está estruturada em quatro capítulos. Optou por realizar um estudo de cunho qualitativo, fundado em uma pesquisa de campo e tendo como referencial teórico os seguintes autores: Pimenta (2004; 2005); Tardif e Lessard (2005); Buriolla (1995); Silva (2003); Freitas (1996); Piconez (1991); Fonseca (2004); Vasquez (1977), dentre outros.

No primeiro capítulo a pesquisadora traz-nos uma breve história de como surgiu o curso de Pedagogia (licenciatura) no Brasil. Situa-nos, brevemente, as principais mudanças vividas, do ponto de vista de sua construção legal, a partir do MEC. E, para isso, contextualiza o momento histórico, como Estado Novo (1937-1945) quando o Brasil era governado por Getúlio Vargas. Conta-nos que um marco desse período foi à criação da Universidade de São Paulo, em 1934, e que o interesse do governo Vargas era promover industrialização no país.

Para entendermos a criação do curso de Pedagogia (licenciatura) na UFT, a pesquisadora discorre sobre a criação do estado do Tocantins através da Constituição de 1988, onde nesta época havia faculdades particulares isoladas apenas em Porto Nacional, Gurupi e Araguaína, que mantinham cursos na área de humanas e, principalmente, focados na formação de professores, numa região que carecia de pessoal habilitado.

Após a implantação do Estado e tendo a cidade de Miracema do Tocantins como sua primeira capital, o governo decide criar uma universidade estadual. Em 1990 é instalada a UNITINS – Universidade do Estado do Tocantins, na cidade de Miracema do Tocantins e autorizada a funcionar pelo Decreto nº 2.211/90. Foi criada como uma instituição multicampi e é implantada em 1991 com três campi em diferentes regiões do Estado: Tocantinópolis, Guaraí e Arraias e sua sede, a Reitoria, na cidade de Miracema, então, capital do estado. No ano de 1992 a instituição passa por diversas reformulações e é ampliada com a criação dos seguintes campi: Palmas, Miracema, Paraíso, Gurupi, Porto Nacional e Araguaína.

Deusilina Ribeiro de Jesus (2008) narra o movimento pela implantação de uma Universidade Federal no Tocantins. A nova instituição possuiria uma estrutural multicampi nas mesmas condições da UNITINS. Mas, para sua surpresa, o Campus Universitário de Miracema não constava como um dos campi da recém-criada Universidade Federal do Tocantins. Porém, deu-se, aqui, uma forte luta por parte da comunidade estudantil e política de Miracema, para que o *campus* fizesse parte da estrutura da UFT.

No segundo tópico a intelectual relata que o estágio, assim como o curso de pedagogia sofreu grandes alterações no decorrer dos anos. O estágio não era pauta de discussões que surgiam em relação à formação do pedagogo. Eis uma posição:

Não havia uma preocupação direcionada ao estágio pelo fato das instituições não formar os alunos para docência e sim para a função de especialistas para exercer funções pedagógicas na escola de educação básica, nesta época o Curso de Pedagogia e, por conseguinte o estágio refletia uma visão tecnicista da educação; ou seja, a teoria e a prática eram dissociadas dos cursos de formação e a carga horária dos estágios era reduzida e vivenciada como mera observação, pois não havia preocupação com fundamentação teórica e faltava conhecimento das metodologias específicas. O aluno não tinha um contato maior com as escolas campo de estágio e muito menos com os alunos. (JESUS, 2008, p. 36).

Para ela, o estágio deve proporcionar ao aluno um leque de experiências, pois, é neste momento da sua formação que o educando tem a oportunidade de colocar em prática o conhecimento adquirido no decorrer do curso. Além disso, é parte fundamental na formação do professor, onde o aluno relaciona teoria e prática, como também conhece a realidade da profissão que escolheu exercer. Ou melhor, é um momento em que o aluno mostra sua criatividade e, principalmente, independência.

A pesquisadora deixa claro que não podemos ir para as escolas apenas para cumprir a formalidade de uma disciplina específica, mas precisamos ir e deixar uma contribuição do nosso conhecimento para os alunos. Desta maneira, necessitamos de auto-avaliação no final de cada regência. Eis o que ela diz:

Nessa perspectiva percebemos que o estágio não pode nem deve ser visto como um instrumento burocrático, simplesmente para cumprir as horas dos estagiários e sim como momento de troca de aprendizagem, e de experiência por parte dos alunos estagiários. (JESUS, 2008, p. 39).

No terceiro capítulo a investigadora narra à experiência da turma de formandos do Curso de Pedagogia da UFT/Campus de Miracema de 2008/2, onde relata sua trajetória do 1º ao 4º período do curso, na disciplina *Investigação da Prática Educacional I, II, III e IV*. Essas disciplinas tinham como finalidade a observação da estrutura física da escola, o funcionamento da instituição, realizar um diagnóstico da escola a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP) e compreender o tipo de interação da escola com a comunidade etc.

A partir do quarto período, em continuidade às atividades da disciplina *Investigação da Prática Educacional IV*, retornariam à escola, onde o foco principal de observação era diagnosticar se a escola era democrática ou não e qual o papel do supervisor, gestor e coordenador, verificando se eles estariam desenvolvendo suas funções de acordo com a fundamentação teórica que tinham conhecido no curso.

A partir dos estudos realizados nestas disciplinas os estagiários puderam identificar dois problemas durante o período de observação: dificuldades de domínio da leitura e a dificuldade da aprendizagem dos conteúdos matemáticos (as quatro operações).

Deusilina Ribeiro de Jesus (2008) relata o processo de construção do seu Projeto de Intervenção na escola, que foi elaborado no primeiro semestre de 2007, quando estava cursando o quinto período. Um ponto interessante do trabalho monográfico é sobre a apresentação do Projeto de Intervenção. Aquela atividade parecia não possuir nenhum sentido para aquela escola e, naquele momento a instituição formadora não estava presente. O grupo teve a impressão que a escola se sentia na obrigação de recebê-los e que os estagiários não tinham muito que oferecer. Por isso, foram tratados com desprezo por parte dos funcionários da instituição.

As regências causaram surpresas. Foram as primeiras experiências com a docência. Tudo era novo e os estagiários tiveram muita dificuldade em lidar com esse novo. Afirma, também, que o estudado na universidade pouco ajudou para exercer a função de professor.

No último capítulo, Jesus (2008) traz uma questão que está muito presente na realidade do curso de Pedagogia, no caso, a referente às disciplinas de fundamentos e metodologias. Estas não ensinam os conhecimentos básicos necessários para o processo de ensino com crianças da primeira fase do ensino fundamental. Deste modo, a falta de domínio

dos conteúdos faz com que os estagiários não alcancem o sucesso na construção do conhecimento, gerando, assim, insatisfação por parte dos estagiários.

Um ponto que vale ressaltar é quando a autora diz-nos que os professores não estão preocupados com os estagiários e, sim, com as atividades que eles irão desenvolver durante o estágio e que há necessidade de parceria entre a UFT, os estagiários e a escola, além do tempo que deveria ser mais extenso.

Em continuidade aos trabalhos de TCCs referentes ao estágio, passarei, nesse instante, aos escritos de Silva (2009).

2.2 Silva (2009)

O trabalho de Silva (2009) tem como objetivo relatar as experiências vivenciada nos três períodos do Estágio Supervisionado nas disciplinas: *Projetos da Prática Pedagógica I e II e Projetos da Prática em Supervisão Educacional*.

O trabalho foi construído num modelo de pesquisa que instiga o sujeito a refletir sua própria prática, ou seja, a investigação da prática através da ação/reflexão/ação. E para coletar as informações necessárias para a realização do trabalho, Silva (2009) optou pela técnica de entrevista semi-estruturada com base em Thompson (1992) e Pádua (2004).

A monografia está estruturada em quatro capítulos. No primeiro tópico ela conta-nos como se deu a construção e a elaboração do projeto de estágio, cujo tema surgiu através do memorial quando destacou a dificuldade com a leitura e interpretação. E, para compreender o memorial, utilizou como embasamento teórico Chauí (2003).

Marinalva Alves da Silva (2009) contempla ainda neste capítulo o objetivo proposto no projeto, isto é, desenvolver atividades voltadas para leitura, divididos em dois momentos: no primeiro momento na creche e, posteriormente, na escola de ensino fundamental num dos anos iniciais do ensino fundamental, que em seu caso optou pelo 3º ano.

No segundo capítulo a intelectual faz o estudo dos trabalhos de conclusão de curso: Borba (2007); Fernandes (2007); Vedove (2007); Rosa (2007a); Maciel (2007); Rosa (2007b) e Jesus (2008), que mostra a importância do estágio para a formação do profissional da educação, principalmente pelo fato de estar articulando a teoria com a prática. Estas leituras tiveram uma contribuição muito significativa para compreender a realidade do estágio no Curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT. Além disso, foram

experiências vivenciadas em diferentes escolas, mas, que condizem com a realidade da sociedade que vivemos.

Um TCC que me chamou atenção foi o de Borba (*apud* SILVA, 2009), pois a autora ressalta que o estágio é um princípio norteador para o estagiário colocar em prática seu conhecimento. E desta maneira o estagiário tem a oportunidade de estar em contato direto com a problemática do ensino/aprendizagem. Eis o que diz Silva:

A pesquisadora compreende o Estágio Supervisionado como princípio norteador das análises teóricas, para que a partir dele compreende-se as raízes da escola e a problemática do ensino/aprendizagem, de forma que estágio seja o fio condutor que caracteriza a formação do pedagogo, dentro duma reflexão crítica da sociedade e da prática educativa. (SILVA, 2009, p. 17).

Outro trabalho que merece destaque é o de Fernandes (*apud* SILVA, 2009). A autora ressalta que mesmo o estagiário que já possui um contato com a escola, o momento do estágio ainda continua sendo muito importante, pois no momento das observações e regências são necessárias para os alunos/estagiários repensarem sua prática através das observações da prática docente. Sendo assim, segundo a autora é importante que se reflita sobre o tipo de escola que se quer e precisa, em relação à escola que se tem hoje.

No terceiro tópico a autora teve que colocar em prática as atividades com ênfase na leitura na creche e, posteriormente, com alunos do 3º ano do ensino fundamental. Seu primeiro contato com a prática foi na creche e buscou embasamento teórico em duas dissertações de mestrado: Borges (2006) e Pinheiro (2006) buscando, assim, entender a formação do profissional da creche.

Ainda no terceiro capítulo traz uma discussão bem interessante sobre o perfil do entrevistador. Neste momento buscou fundamentação teórica em Fiorentini e Lorenzato (2006) que ajudou a compreender como o investigador precisa agir em sua pesquisa e nos processamentos dos dados, pois “o pesquisador invade mundos e vidas, vasculhando práticas sociais públicas ou privadas e às vezes, intimidade conceptual e emocional das pessoas” (SILVA *apud* FIORENTINI & LORENZATO, 2009, p.54). E Damázio (1988) que trouxe uma melhor compreensão no que se refere ao ser criança.

No último capítulo Silva (2009) apresenta o segundo momento da pesquisa através da experiência com a prática de ensino vivenciada com o 3º ano do ensino fundamental. A princípio a investigadora diz-nos sobre suas angústias e medos a respeito do novo desafio que estava por vir, pois naquele momento ela estava diante de uma realidade voltada à prática de ensino e não ao cuidado. Seria aquele o momento em que iria “confrontar

as concepções teóricas sobre a educação, escola e o ensino, construídas durante o curso, com as opções de trabalho, o compromisso com a educação e a escola pública e a realidade do trabalho pedagógico escolar” (SILVA *apud* FREITAS, 2009, p.90).

O capítulo contempla ainda as dinâmicas trabalhadas no decorrer das aulas, no sentido de propor diferentes estratégias de leitura em sala de aula na função de professor/estagiário. Um aspecto importante é que ao longo do semestre, além do contato com a prática de ensino também tiveram em constante busca do conhecimento a partir das leituras.

Após a apresentação do trabalho de Silva (2009) finalizarei esta parte da pesquisa com o TCC de Neves (2011).

2.3 Neves (2011)

Para início de conversa Neves (2011), traz uma discussão interessante, que é sobre a sabedoria baseada na experiência de vida e que muitas vezes dispensa a experiência escolar. E que a escola por muitas vezes tem se negado a aproveitar o conhecimento de mundo do seu educando para relacionar os conteúdos com a realidade social do seu aluno.

A monografia está estruturada em três capítulos, em que a preocupação principal é apresentar as experiências realizadas na disciplina *Estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental* numa escola municipal da cidade de Miracema do Tocantins – TO no segundo semestre de 2009. Sua proposta metodológica engloba três procedimentos: a pesquisa-ação, a entrevista e a problemática ética.

No primeiro capítulo Neves (2011) mostra-nos como se deu a construção dos primeiros encaminhamentos da pesquisa, que foi através da construção de um memorial na disciplina *Projeto de Estágio* que tinha como finalidade relatar suas experiências a respeito de sua educação no Ensino Fundamental.

Um ponto que me chamou bastante atenção foi à socialização do memorial. A intelectual relata que a maioria da turma estudou em escolas públicas onde o conteúdo abordado era mera reprodução, sem nenhuma relação com a realidade do aluno. E que o aluno era proibido de se manifestar em sala de aula, e que o dia 7 de setembro era a data comemorativa mais significativa, as regras eram muito rígidas e que castigos eram realizados frequentemente por meio de instrumentos como o milho e a palmatória.

Raimunda Claudia Loiola das Neves (2011) salienta que o momento de socialização do memorial foi muito importante para a reflexão da sua prática como futura pedagoga. Pois através deste momento, buscou alternativas para superar este modelo de

ensino condenado ao fracasso. Neste sentido optou por elaborar uma proposta de trabalho com base na educação progressista.

Em seus escritos, Neves (2011) faz uma pequena retrospectiva sobre as concepções pedagógicas em três abordagens: Escola Tradicional, Escola Nova e Escola Progressista. Na Escola Tradicional os principais representantes são: Alain (Émile Chartier), Jean Château e Émile Durkheim. Educar nessa concepção é transmitir os saberes constituídos, a fim de que seja preservada em cada indivíduo sua herança cultural. A escola cabe repassar de forma rigorosa todos os conhecimentos acumulados para que os indivíduos das novas gerações possam assumir um lugar de excelência na sociedade. Eis uma posição:

Segundo esse enfoque, considera-se que o educando chegará à sua plena realização como pessoa através do saber, do conhecimento, atingido por meio do esforço. Para tanto, são fatores indispensáveis: 1o) o contato com as grandes realizações da humanidade - obras-primas da literatura e da arte, raciocínios e demonstrações plenamente elaborados, aquisições científicas atingidas pelos métodos mais seguros - considerados como “modelos”, existentes em todos os campos do saber; 2o) a autoridade e orientação do professor: intermediário entre o aluno e os modelos, especialista e organizador dos conteúdos e procedimentos de ensino, guia competente do processo educativo. (*apud* Silva, 2000 p. 79).

A Escola Nova surge no século XX e tem como principais representantes: John Dewey, Jean-Jacques Rousseau, Jean Piaget, entre outros. Ao contrário da Escola Tradicional a Escola Nova tem como finalidade levar o aluno ao conhecimento de forma livre e espontânea.

A terceira e última concepção pedagógica e denominada Educação Progressista onde tem como principais representantes: Georges Snyders, Bogdan Suchodolski, Bernard Charlot, Dermeval Saviani, entre outros. Nesta escola o aluno participa ativamente do seu processo de aprendizagem. Eis o que ela diz:

O professor aqui desenvolve um papel importante, que nem o torna o centro, como na escola tradicional, e nem um mero facilitador – como na escola nova – mais é um orientador, que trabalha de forma ativa e interativa. A escola passa a valorizar mais os conteúdos vivos relacionados à realidade social. (NEVES, 2011, p. 25).

No segundo capítulo a intelectual explora quatro monografias referentes à experiência com o Estágio Supervisionado vivenciados no curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/ UFT. As análises foram realizadas com os trabalhos de Carvalho (2009) e o de Castro (2009) que tratam do ensino com enfoque no lúdico na matemática e,

posteriormente, os trabalhos de Barreira (2009) e Silva (2009) que tratam do ensino com enfoque na leitura.

Raimunda Claudia Loiola das Neves (2011) relata primeiramente sobre os TCCs de Carvalho (2009) e Castro (2009), dando enfoque na importância que esses trabalhos tiveram para sua compreensão das atividades concernentes ao estágio. A metodologia utilizada pelas pesquisadoras foi à pesquisa-ação.

No decorrer do texto Neves (2011) destaca um ponto bastante interessante e atual, que são questões que têm sido alvo de muitas críticas nas últimas décadas, como: ênfase na memorização, aprendizagem pela repetição, questões descontextualizadas, exercícios de fixação, entre outros. Infelizmente estas questões continuam sendo trabalhadas da mesma maneira, pelos professores de matemática: aulas repetitivas, profissionais da educação que apenas reproduz ano a ano o mesmo conteúdo, aulas monótonas dentre outras.

Assim, a intelectual supracitada salienta o esforço por parte das autoras Carvalho (2009) e Castro (2009) para buscar alternativas adequadas à realidade dos alunos, de modo que o ensino da Matemática pudesse ser realizado dentro de um processo lúdico e de forma contextualizada. Eis uma posição:

É necessário e imprescindível que o educador conheça e explore todos os elementos da realidade infantil, proporcionando à criança a liberdade para expressar sua imaginação, criatividade, manipular os objetos. Uma forma que crie uma situação de aprendizagem que se torne significativa para a vida da criança, pois é diante de situações, como ver, sentir, tocar e manusear um objeto, que proporcionam um novo descobrir sobre sua realidade. Pois estas atividades favorecem a relação entre a criança e os elementos da sua realidade, ao mesmo tempo em que desenvolvem o lado intelectual. (NEVES *apud* CASTRO 2009, p. 54).

No segundo momento, Neves (2011) discorre sobre os trabalhos de Barreira (2009) e Silva (2009) com olhar voltado à leitura e produção de texto. As autoras contam-nos sobre o processo de apresentação do memorial referente à educação nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no qual as dificuldades relacionadas ao processo de leitura e interpretação de texto foram constatadas.

Diante das constatações foi decidido desenvolver atividades na creche e nos anos iniciais do Ensino Fundamental que instigassem o processo da leitura e da interpretação de texto.

A partir das análises das pesquisadoras, Neves (2011) constatou a deficiência na leitura e interpretação de textos trazidos do ensino fundamental, que afetaram significativamente o desempenho acadêmico dos seus grupos de estágios. Deste modo surgiu

por parte de Neves (2011) o seguinte questionamento: Os problemas postos revelam um grande desafio para a formação de professores: afinal, como recuperar num curso que dura em média quatro anos e meio, a defasagem de toda uma vida escolar?

Esta pergunta é bastante polêmica. O curso de pedagogia do Campus Universitário de Miracema- TO, não consegue suprir estas carências trazidas do ensino fundamental, pois este está mais preocupado com métodos ineficientes, que na realidade não servem para nada. O curso oferece disciplinas que não te ensina a ser professor, os métodos nos livros são lindos, mas na prática não te auxilia em nada.

Deste modo a grande preocupação das equipes de estágio era em não reproduzir aquilo que acontecera com eles. Romper com um ensino rígido e inflexível e propor uma metodologia diferenciada, baseada na interação professor-aluno. Eis uma posição:

Consequentemente, diante das dificuldades que foram expostas por nós “os próprios acadêmicos”, em relação à leitura, surgiu então o interesse do grupo de escolher um tema voltado para essa temática, onde desenvolveríamos com alunos de uma série do primeiro ao quinto ano no [sic] ensino fundamental. Por ter sido este um dos problemas que mais nos afetou e ainda continua influenciando em nosso meio acadêmico. Mas para isso, teríamos que desenvolver metodologias diferentes da que conhecemos. (NEVES *apud* SILVA, 2009, p. 14).

No último tópico Neves (2011) narra sua experiência com o estágio supervisionado realizado no 3º e no 5º ano do Ensino Fundamental. A intelectual conta-nos suas principais dificuldades encontradas durante o estágio: como a tarefa de controlar as crianças e de como foi difícil utilizar todo o horário de aula de forma que elas ficassem quietas. Segundo ela, a dificuldade maior estava em saber o que trabalhar com os alunos, já que aquilo que planejaram parecia ser insuficiente para o tempo que ainda restava.

Neste capítulo, também são apresentadas as entrevistas realizadas com a diretora e a coordenadora da escola. É apresentada também a avaliação da sua prática. Afirma que esse momento foi muito importante e delicado ao mesmo tempo, pois a avaliação neste caso constituiu-se numa oportunidade de compreensão das ações sob a ótica de outra pessoa cuja experiência outorgava avanços significativos. As críticas, as dicas, os pontos destacados como positivos e negativos serviram para repensar a prática e imaginar novas possibilidades de ensino.

Passo, agora, à segunda etapa deste trabalho, isto é, descrever a proposta metodológica que utilizarei para a construção desta pesquisa.

CAPÍTULO II

3 METODOLOGIA

A proposta metodológica engloba dois procedimentos: a pesquisa qualitativa e a entrevista. No intuito de melhor esclarecimento e entendimento apresentarei um esboço acerca de cada um deles. Iniciarei pela pesquisa qualitativa.

Esta está preocupada em interpretar aspectos mais profundos e, descrever com mais precisão o comportamento humano. Analisam detalhadamente hábitos, atitudes e, além disso, procura compreender o comportamento de determinado grupo escolhido. Em corroboração, uma citação de leitura realizada: “estudo qualitativo é aquele que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. (MENGA *apud* MARCONI & LAKATOS, 1986, p.18).

A pesquisa qualitativa é necessária para que o pesquisador possa compreender e conhecer internamente os dilemas e questões enfrentados pelos atores sociais, pois, as condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora da realidade dos atores sociais. Neste sentido esta não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um determinado grupo social, de uma organização, etc.

Os intelectuais que utilizam da metodologia qualitativa, está preocupado em explicar os porquês das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantifica os valores. Eis uma posição: “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas pesquisas “objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. (DESLAURIERS *apud* GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32).

E, em vista da viabilização desse trabalho, farei uso do instrumento denominado entrevista. Neste sentido falarei de modo sucinto sobre a entrevista não- dirigida e a entrevista estruturada.

O primeiro tópico a ser discutido é sobre a entrevista não-dirigida. Possui inicialmente a vantagem de basear-se corretamente na realidade do entrevistado “gozando de

um máximo de liberdade para se expressar sobre o ou temas da pesquisa, ele é mais capaz de fazê-lo segundo suas próprias categorias e sua própria linguagem” (POUPART, 2008 p. 224). Além disso, o entrevistado é solicitado a falar abertamente a respeito do tema pesquisado. Busca a visão geral do tema. É o mais informal, pois se assemelha a uma conversa normal.

O segundo tópico é sobre a entrevista estruturada. Ela é um instrumento que tem o objetivo de coletar informações importantes e de compreender concepções e experiências dos entrevistados. Eis uma posição: “A entrevista, pouco importa sua forma, sempre foi considerada como um meio adequado para levar uma pessoa a dizer o que pensa, a descrever o que viveu ou o que viu, ou aquilo de que foi testemunha”. (POUPART, 2008 p. 227).

A entrevista estruturada serve para inibir possíveis opiniões e interferências nos resultados por parte do entrevistador, pois o entrevistado fica limitado ao questionário pré-elaborado.

O entrevistado é visto como informante-chave capaz de descrever e interpretar suas próprias práticas, pois, "é tido como testemunha privilegiada, um observador, de certa forma, de sua sociedade, com base em quem um outro observador, o pesquisador, pode tentar ver e reconstituir a realidade” (POUPART, 2008 p. 222).

Outro aspecto fundamental da entrevista é a formulação das perguntas. É essencial que sejam elaboradas de forma que possa extrair do informante o maior número de informações possíveis, sem que para isso, seja necessário formular uma grande quantidade de questões.

Para que isso ocorra, alguns passos devem ser seguidos: as perguntas devem ser simples e diretas, perguntas complexas e de duplo sentido devem ser evitadas, e é necessário que o entrevistador passe segurança para o entrevistado, demonstrando conhecimento sobre o que está sendo pesquisado, e não mais importante, demonstrando respeito pelos participantes da pesquisa.

Um ponto indispensável à fala do entrevistado refere-se à convicção de que ele só chegará a se expressar bem, se ele estiver à vontade durante a entrevista. Diante disso a entrevista estruturada segue um roteiro pré-elaborado pelo entrevistador, onde o entrevistado é conduzido a falar apenas o que o entrevistador tiver interesse. Eis um olhar:

De forma geral, considera-se que não basta convencer uma pessoa a participar da pesquisa, e nem criar um contexto que lhe permita estar à vontade na situação de entrevista. É ainda preciso que ela se sinta suficientemente confiante para aceitar “verdadeiramente falar”, outro princípio considerado primordial para o êxito da entrevista. (POUPART, 2008, p. 232).

Entretanto, o sucesso de uma entrevista vai depender muito da forma como ela foi previamente articulada e elaborada. Embora não haja nenhuma regra pré-elaborada, para ser seguida rigidamente. Segundo Poupart (2008, p. 228), “obter a melhor colaboração do entrevistado; colocá-lo o mais à vontade possível na situação de entrevista; ganhar sua confiança e fazer com ele fale espontaneamente e aceite se envolver”, são alguns dos princípios básicos para que uma entrevista seja bem-sucedida.

Passo, nesse instante, à etapa seguinte deste TCC: a análise dos dados coletados.

CAPÍTULO III

4 O QUE PENSAM DIFERENTES ATORES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFT/CAMPUS DE MIRACEMA

Este capítulo tem três objetivos: apresentar os dados de uma pesquisa qualitativa e a partir deles, analisar a experiência de estágio e, por fim, apresentar algumas contribuições do meu pensar sobre o estágio em relação à UFT e as escolas.

Tais dados foram coletados usando o recurso da entrevista estruturada, com os atores envolvidos diretamente com o estágio supervisionado foram da turma de concluintes de 2017/1¹.

4.1 Observações e regências do estágio

Os discentes em formação, integrantes da turma de concluintes do curso de Pedagogia de 2017/1 responderam a um questionário com nove questões que abordavam as experiências de estágio vividas por eles. A questão número um procurou saber se o período de observações e regências do estágio foi suficiente para formar um bom professor. As respostas foram assim apresentadas:

ENTREVISTADO A: Não. Porque a teoria por si só não forma um bom profissional. O período de observações e regências não corresponde a um terço da parte do curso. E só seremos bons profissionais se vivenciarmos na prática o que aprendemos na teoria.

ENTREVISTADO B: Não. Porque não conseguimos realizar as atividades no tempo certo. A realidade no espaço educativo não é como nos passam.

ENTREVISTADO C: Não. Porque tanto o período de observações e regência deveria ser mais extenso, ou seja, que os discentes poderiam iniciar bem antes de ir para o final do curso.

ENTREVISTADO D: Não. Porque não nos ensinou a dar aula. Ficamos mesmo no se vira e faça. Nos sentimos como um bicho acuado.

ENTREVISTADO E: Não. Pouco tempo de convivência dentro de um ambiente escolar. Não tem como os estagiários que nunca assumiram uma turma em uma escola, adquirir um conhecimento suficiente para ministrar uma aula.

¹ Os nomes dos sujeitos participantes da pesquisa foram substituídos por codinomes (entrevistado A, B etc.).

As respostas de todos os alunos indicam que eles não estão satisfeitos com a carga horária das observações e regências. Neste sentido, é claro e evidente que é impossível formar um bom professor com apenas dez observações e duas regências na educação infantil e pré-escola e, muito menos oito observações e oito regências no ensino fundamental.

É importante salientar, conforme estudiosas do campo educacional, a necessidade de haver a articulação entre teoria e prática, pois a papel da teoria é “oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os” (PIMENTA & LIMA, 2009, p. 49).

Deste modo as visitas às escolas deveriam iniciar no início do curso, como enfatiza o entrevistado E, pois, é impossível colocarmos em prática todo o conhecimento acumulado no decorrer do curso. Seria muito importante para o acadêmico de Pedagogia estar em contato direto com seu objeto de trabalho, assim os estudantes teriam tempo para fazer reflexões sobre o curso, sobre como a escola está estruturada, como os alunos se organizam dentro da instituição e, o mais importante que os acadêmicos façam uma reflexão crítica sobre sua atuação como futuros profissionais da educação e quais pontos são necessários haver mudanças para proporcionar um ensino de qualidade.

Penso que a prática de ensino do estágio realizada em grupo não contribui adequadamente com a nossa formação. A própria Unidade Escolar que nos recebe fica incomodada com um número tão grande de estagiários no trabalho com o processo ensino-aprendizagem. Além disso, é sabido que o trabalho docente na escola pública não é feito em grupo, e sim individualmente. Saliento que o trabalho de um professor vai mais além do que a prática do estágio nos proporciona. E me arrisco a dizer que não estamos preparados para assumir uma sala de aula nas condições reais.

4.2 Teoria aprendida na universidade

Na segunda questão procurei saber se durante a atuação no Estágio Supervisionado, o estudante se deparou com alguma situação em que a teoria aprendida na universidade não contribuiu para o exercício da prática. Eis o que eles disseram:

ENTREVISTADO A: Sim. A primeira foi ter ido para o estágio sem antes ter visto todas as disciplinas de fundamentos. A segunda foi ter deparado com crianças deficientes e não saber como lidar com a situação. A terceira foi não conseguir associar a teoria a prática em termos de conhecimentos, por exemplo: Geografia.

ENTREVISTADO B: Sim. Várias, por exemplo: como trabalhar na creche, o que ensinar, lembrando que o ensino de lá é diferente da fase seguinte.

ENTREVISTADO E: Sim. Quando um aluno jogou um apagador na minha colega de estágio, nos não sabíamos o que fazer com ele, pois só a conversa parecia não ser suficiente. Então, a coordenação da escola sem saber como agir retirou a criança da sala e chamou seus pais.

Pude notar na fala do entrevistado A sua preocupação com a formação acadêmica em que está inserido. O curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT está estruturado de forma equivocada. É inadmissível um aluno ir para o estágio sem ter estudado educação especial, pois ao todo momento nos deparamos com crianças com necessidades especiais e não sabemos como lidar com elas.

Esta questão não está sendo colocada como preocupação central das instituições formadoras. Desta forma ficamos desamparados, durante o trabalho de estágio, pois estes dois elementos devem ser tratados como componentes indissolúveis da práxis.

O entrevistado A aborda que um dos problemas que ele encontrou no estágio foi ter ido para a parte prática sem ter estudado todas as disciplinas de fundamentos e metodologias. Em minha concepção estas disciplinas pouco contribuíram para alcançarmos o sucesso no estágio, pois as disciplinas estão preocupadas com apenas métodos que não nos ajudam em nada. Desta maneira fomos um fiasco na parte prática, devido não dominarmos os conteúdos básicos de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, etc.

Outro ponto importante é a falta de colaboração dos professores de estágio. Eles estão preocupados apenas com planos de aulas bem elaborados e relatório final bem feito. E acabam se esquecendo que os estagiários possuem insegurança em relação ao conteúdo que será trabalhado na regência e, também, possuem medo e receio em relação ao professor que está no fundo da sala avaliando sua postura como futuro profissional da educação. Saliento a necessidade de reformular a parte burocrática do estágio supervisionado. Eis um olhar epistemológico:

...ao invés de “especialistas” em determinada habilitação restrita, aquilo de que realmente estamos necessitando é de educadores com uma sólida formação teórica desenvolvida a partir e em função das exigências da ação educativa nas condições brasileiras. Este será o profissional com habilitação polivalente capaz de enfrentar os desafios de nossa realidade educacional. A formação desse tipo de profissional é a tarefa urgente acometida aos cursos superiores de Educação, sejam eles denominados de Pedagogia ou não. (SAVIANE *apud* FREITAS, 2009, p. 63).

4.3 Disciplinas de fundamentos e metodologias

A questão número três perguntava se as disciplinas de fundamentos e metodologias contribuíram para o trabalho no estágio. As respostas foram as seguintes:

ENTREVISTADO A: Em partes. Porque quando iniciamos o estágio não tínhamos visto todas as disciplinas de fundamentos. E as que tínhamos visto não contribuíram muito, uma vez que o ensino foi defasado e distante da realidade.

ENTREVISTADO B: Não. Faltou a prática.

ENTREVISTADO C: Não. Porque nem todas foram ofertadas antes do estágio.

ENTREVISTADO D: Algumas sim, porque nem todas tivemos o aproveitamento esperado.

ENTREVISTADO E: Muito pouco, mais contribuíram, pois aprendemos o que deve conter em um projeto político pedagógico da escola, e também tivemos a oportunidade de ler esse documento.

Os entrevistados enfatizaram que as disciplinas de fundamentos e metodologias pouco ajudaram para o trabalho do estágio. Estas disciplinas durante o decorrer do curso não contribuíram para a construção do conhecimento, pois não foram trabalhados no espaço universitário os conteúdos que iríamos ministrar nas aulas, e como já mencionado pelo entrevistado B outro problema destas disciplinas é a falta da prática, pois um problema notável do nosso curso é a dicotomia entre teoria e prática.

É importante salientar que estas disciplinas ficaram presas apenas em realidades idealizadas nos livros acadêmicos, e se esqueceram da realidade das escolas brasileiras. Tenho a ousadia de dizer que estas disciplinas não contribuíram em absolutamente nada com a nossa formação.

Desta maneira, uma sugestão para o melhor aproveitamento destas disciplinas é a estratégia de aproximar seus conteúdos com a realidade das escolas brasileiras, este sem dúvida é um saber indispensável, tendo em vista que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” o aluno deve se sentir como ser indispensável no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1996, p.12).

4.4 Teorias aprendidas no curso

Na questão número quatro foi perguntado aos discentes se as teorias aprendidas no decorrer do curso foram desenvolvidas satisfatoriamente no estágio. Eis as respostas:

ENTREVISTADO A: Não. Aprendemos muitas teorias que fogem da realidade da escola. Poucas se adequam à realidade das escolas. Acaba gerando um grande choque.

ENTREVISTADO B: Não. O que nos foi ensinado pouco foi usado no estágio.

ENTREVISTADO C: Não. Porque nosso tempo foi muito delimitado.

ENTREVISTADO D: Em partes. Porque nem todos trabalham as teorias de forma compreensiva.

ENTREVISTADO E: Em partes.

Durante nossa jornada como estagiários, enfrentamos situações reais onde os conhecimentos adquiridos na universidade não ajudaram a solucionar as situações ali enfrentadas. O entrevistado A deixa bem claro como a realidade dos livros acadêmicos são diferentes das escolas reais. Por exemplo: os alunos dos livros são pacatos e as salas possuem no máximo dez alunos, e quando nos deparamos com alunos reais percebemos que esta fantasia dos livros acadêmicos não faz nenhuma relação com a escola encontrada.

Outro problema notável é o curto tempo de estágio, pois durante nossa jornada acadêmica aprendemos diversas teorias, e devido o período do estágio ser muito pequeno não conseguimos desenvolvê-las de forma satisfatória.

É importante enfatizar também que os professores alfabetizadores das escolas, trabalham com o método sintético, e quando, nós, estagiários adentramos na instituição escolar encontramos muita resistência por parte dos alunos, devido não estarem acostumados a estudar através do método analítico. Além disso, as regências são limitadas e os alunos não conseguem acompanhar as aulas. Devido a isso, é muito frustrante para um estagiário ter que ir embora quando ele está notando progresso no trabalho com as crianças.

O curso e o estágio necessitam proporcionar experiências dentro e fora da unidade formadora em vista, assim da construção da identidade docente, pois “o estágio, ao promover a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do professor na sociedade” (PIMENTA & LIMA, 2009, p. 67-68).

4.5 Alunos reais x alunos idealizados nos livros acadêmicos

Na questão número cinco foi perguntado como é desenvolver uma aula para alunos reais, e não para alunos e escolas idealizados nos livros acadêmicos. As respostas foram as seguintes:

ENTREVISTADO A: Difícil, pois uma vez que ao planejar seguindo as normas e condutas estipuladas por professores da UFT dificultam a execução na sala de aula. Dois meios distintos.

ENTREVISTADO B: É complicado, pois os alunos e escolas idealizados na universidade são totalmente diferentes da realidade. Não falaram que poderíamos encontrar problemas ali.

ENTREVISTADO C: Não foi fácil. A escola tem um método de trabalhar, já na universidade a forma de ministrar aula é outra, como por exemplo: alfabetizar as crianças.

ENTREVISTADO D: Difícil, pois quando não estamos situados a esta tal realidade ficamos inseguros.

ENTREVISTADO E: Muito difícil, pois os livros tratam os alunos como se eles não tivessem problemas, que na realidade é outra história.

A realidade encontrada nas escolas por inúmeras vezes deixaram-nos inquietos e preocupados com o aprendizado daquelas crianças, pois no decorrer do curso ensinaram-nos uma proposta de ensino fora dos padrões do cotidiano escolar. Os métodos ensinados foram fictícios e que jamais conseguiríamos colocá-los em prática. Deste modo, ficamos presos a ideologias que não nos pertencem.

Ficamos presos ao mundo idealizado e programado por um professor de estágio. E, desta maneira, não conseguimos ter autonomia dentro da sala de aula, pois a todo encontro com os professores avaliadores e o professor de estágio eles deixavam bem claro o nosso fracasso enquanto estagiários. É preocupante como esses profissionais acadêmicos estão desmotivando e impondo regras ao seu estudante. Diante disso, o estagiário perde o gosto pela inovação e faz somente o necessário para cumprir a parte burocrática. Eis uma posição:

A função do professor orientador do estágio será, à luz da teoria, refletir com seus alunos sobre a experiência que já trazem e projetar um novo conhecimento que ressignifique suas práticas, considerando as condições objetivas, a história e as relações de trabalho vividas por esses professores-alunos. (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 127).

Saliento também a necessidade de maior parceria entre UFT e as escolas. As escolas olham para os estagiários como se eles não tivessem nada para contribuir para a formação daquelas crianças. E, nos sentimos intrusos naquela instituição, pois a coordenação e os professores simplesmente não se importam conosco, apenas cediam suas aulas e não permaneciam dentro da sala. Eis um olhar:

Assim, consideramos a importância da relação entre a universidade e os sistemas de ensino e entendemos a creche e a pré-escola públicas como espaços de formação de

professores(as) de Educação Infantil, pois possibilitam aos(as) estudantes/estagiários(as) do curso de Pedagogia a aprendizagem de saberes e reflexões sobre a docência com crianças pequenas. (DRUMMOND; et al, 2016, p. 27).

4.6 Atividades trabalhadas durante as regências

No sexto item foi perguntado se as atividades trabalhadas durante as regências contribuíram com a formação dos alunos da escola. Eis as respostas:

ENTREVISTADO A: Penso que sim, uma vez que tudo que vimos e ouvimos guardaremos alguma lembrança, portanto penso que aquelas crianças aprenderam muito.

ENTREVISTADO B: Acredito que não, pois o período foi curtíssimo.

ENTREVISTADO C: De certo modo sim. Penso que eles entenderam o que realmente as atividades, leituras e gravuras alcançaram nossos objetivos.

ENTREVISTADO D: Sim, pois fiz o que pude para ajudá-los na compreensão e os alunos não estavam acostumados a essa compreensão, além de diverti-los com o aprendizado.

ENTREVISTADO E: Sim, na primeira regência abordamos um texto de modo interdisciplinar.

De modo geral como foi mencionado por todos os entrevistados, exceto o entrevistado B, as atividades trabalhadas durante as regências foram ricas em aprendizado para os alunos e para nós estagiários. Mas, algumas circunstâncias como o calor excessivo, as salas superlotadas e alunos com necessidades especiais foram alguns problemas que encontramos nessa trajetória.

Porém, no decorrer da prática, conseguimos desenvolver as teorias ensinadas na universidade, como por exemplo: método analítico. A princípio encontramos resistência por parte dos alunos e da unidade escolar em aceitar nossos métodos inovadores, dentro de uma instituição conservadora e tradicional.

As experiências foram muito significativas para nós estagiários. Uma vez que ao ensinar, aprendo em conjunto com o meu aluno. E proporcionamos para aquelas crianças conhecimentos diferenciados do que eles estavam acostumados. Neste sentido, “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 1996, p. 18).

Ensinamos de maneira lúdica na educação infantil, aproveitamos o conhecimento de mundo dos alunos para iniciarmos o conteúdo, desta forma a aula ficou mais dinâmica e atrativa.

4.7 Reflexões ao final das regências

Na sétima questão foi questionado qual reflexão o estagiário chegou ao final das regências do estágio. As respostas foram estas a seguir:

ENTREVISTADO A: Que a realidade vivenciada no curso deixa muito a desejar. Foge muito da realidade encontrada nas escolas.

ENTREVISTADO B: Que a realidade é totalmente diferente do que nos é apresentada na universidade.

ENTREVISTADO C: O estágio me proporcionou um olhar diferente para as crianças de cada escola que passei. Ali pude perceber que a educação pode mudar, basta querer.

ENTREVISTADO D: Que o mundo está com olhos vendados para a realidade das crianças. Elas estão gritando por socorro.

ENTREVISTADO E: Que o estágio deveria começar mais cedo para os acadêmicos, ou pelo menos um contato prévio deveria acontecer antes do estágio, para que possamos compreender melhor o funcionamento de uma escola.

O entrevistado E chega a um ponto muito importante, pois a grade curricular do nosso curso está desorganizada. O estagiário de Pedagogia precisa estar em contato direto com seu objeto de trabalho, que é a escola e os alunos. Portanto, é necessário iniciarmos as visitas às escolas desde o início do curso. Desta maneira, seríamos, provavelmente, profissionais mais capacitados para atuar dentro da sala de aula. Também sobre esta questão o Parecer do CNE 09/2001 diz:

[...] é muito diferente observar um dia de aula numa classe uma vez por semana, por exemplo, e poder acompanhar a rotina do trabalho pedagógico durante um período contínuo em que se pode ver o desenvolvimento das propostas, a dinâmica do grupo e da própria escola e outros aspectos não observáveis em estágios pontuais. Além disso, é completamente inadequado que a ida dos professores às escolas aconteça somente na etapa final de sua formação, pois isso não possibilita que haja tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões do trabalho de professor, nem permite um processo progressivo de aprendizado (BRASIL *apud* DRUMMOND; et al, 2016, p. 26).

Desta forma não seria necessário a separação do momento da teoria e momento da prática. Entendo que a teoria possui elementos da prática e que a prática supõe-se necessariamente elementos teóricos.

As respostas a esta questão demonstram que os discentes conhecem os problemas do estágio. Em minha perspectiva eles manifestaram uma compreensão acertada acerca do problema do estágio, pois devido salas superlotadas, crianças com necessidades especiais, baderna dos alunos e a inexperiência por parte dos estagiários dificultaram nosso desempenho. É possível que estou diante de uma situação na qual os discentes entenderam as regras do jogo da instituição formadora e se acomodaram somente com o esforço necessário para cumprir o burocrático.

4.8 Experiências com o estágio e as disciplinas do curso

Na oitava questão foram questionados: levando-se em consideração as experiências com estágio supervisionado e todas as disciplinas estudadas no decorrer do curso, se eles se consideravam profissionais competentes para atuarem dentro da sala de aula. Eis as respostas:

ENTREVISTADO A: Não em termo de vivência. Mais teoricamente devo estar preparada.

ENTREVISTADO B: Sim. Pois o que faz um bom profissional é a sua força de vontade de melhorar cada dia mais. O segredo é fazer o que gosta.

ENTREVISTADO C: Ainda não. Pois muito ainda tem que se aprender, mas só praticando que iremos conhecer nossas atitudes.

ENTREVISTADO D: Agora que aprendi com minhas próprias experiências, sim. Porque também tivemos o conhecimento sobre as teorias e enfrentamos a experiência da sala de aula posso dizer que sim.

ENTREVISTADO E: Não, pois só aprendemos a ser professor, sendo professor.

As respostas dos entrevistados C e E foram, basicamente, na mesma perspectiva “só aprendemos a ser professor, sendo professor”. Não existe uma receita de como devemos nos portar dentro de uma sala de aula, ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo. Portanto, como professor mediador do conhecimento devo proporcionar ao meu educando meios para a construção do conhecimento. Deste modo, aproveito o conhecimento de mundo dos meus alunos para enriquecer minhas aulas. Também sobre esta questão o parecer de Freire (1996 p. 37-38):

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhecem a importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

Mesmo indicando problemas sérios na experiência de estágio enquanto instrumento de formação, todos os discentes entrevistados informaram que esta experiência de estágio foi importante e contribuiu para sua formação docente.

Portanto, para nos tornarmos bons professores temos que ser curiosos, estudiosos e não devemos ter medo de admitir que não conhecemos determinado assunto. Não devemos aceitar fórmulas prontas, temos que pensar e expor nossas idéias. Diante disso temos a necessidade de atualizar nossos conhecimentos diariamente, e sempre fazendo uma auto-reflexão da minha aula, da minha prática enquanto educador.

4.9 Recomendações para melhorar o estágio do curso

Na última questão foi questionado quais as recomendações os estagiários fariam para melhorar o estágio do curso. As respostas foram as seguintes:

ENTREVISTADO A: Primeiramente mudar o período de entrar em contato com a realidade da escola. Segunda é confrontar a teoria e a prática. Para assim aplicar em sala de aula aquilo que aprendemos com as teorias. Enfim, precisamos nos adequar a realidade dos dias atuais vivenciadas nas escolas e não teorias de décadas atrás.

ENTREVISTADO B: Primeiro ponto é aumentar o período de regências e das observações. Ajudar mais nas elaborações dos planos de aulas e atividades.

ENTREVISTADO C: Primeiramente, o estágio traz um peso muito grande na carga horária dos discentes. Assim melhorar cada vez mais, tanto na parte da universidade que deve favorecer aos alunos de outra realidade que possa ser feito na cidade que reside, afinal, o ensino é para todos.

ENTREVISTADO D: Ensinar ao acadêmico a ministrar uma aula dentro da sala de aula, como também realizar planos de aula como é no real, e a construir os materiais a serem utilizados em sala, pois só desta maneira teremos o gosto pela criação do novo, através do que se tem como pedagogos.

ENTREVISTADO E: Começar um contato com o ambiente escolar desde quando ingressarmos na faculdade, e ter um melhor acompanhamento dos professores tanto da escola quanto da universidade.

As recomendações feitas pelos discentes demonstram coerência em relação aos problemas percebidos e levantados pelos estagiários no contexto da experiência de Estágio

Supervisionado do curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT, especificamente em relação à turma de concluintes de 2017/1.

As recomendações dos discentes para melhorar o estágio vão desde o aumento da carga horária, até o adequado acompanhamento por parte dos professores da escola e também os da universidade. Chamo atenção para a fala do entrevistado E: ter um melhor acompanhamento dos professores tanto da escola quanto da universidade. Demonstrando, claramente, que as relações entre as duas instituições formadoras não são adequadas e que, obviamente, em minha compreensão a responsabilidade da universidade é maior neste processo.

No entanto, é preciso também não deixar de considerar que o estágio não é uma atividade inocente, e sim uma experiência rica em aprendizado, pois através desta experiência conseguimos ampliar nossos conhecimentos sobre como são as escolas reais. Eis um olhar:

Para os estudantes do curso de Pedagogia, as experiências vividas nos estágios favoreceram maior conhecimento sobre a docência e a postura de um profissional em seu campo de trabalho. Assim, as práticas de estágio trouxeram mudanças visíveis, tanto nas concepções teóricas, quanto com relação às práticas pedagógicas. (DRUMMOND; et al, 2016, p. 35).

Chamo atenção a um trecho da fala do entrevistado A: “precisamos nos adequar a realidade dos dias atuais vivenciadas nas escolas e não teorias de décadas atrás”. Na minha concepção este é um ponto muito importante, pois os professores universitários deveriam fazer uma análise da sua atuação como professor, buscando relacionar as teorias com o cotidiano da escola, e, além disso, possibilitar um contato direto com as unidades escolares do município.

Portanto, a instituição formadora deixa muito a desejar no sentido de ensinar a ser professor. A prática docente não se resume apenas em brincadeiras de faz de conta, e sim temos que ter autonomia para confrontar a realidade que iremos encontrar.

O trabalho com os estágios na Educação Infantil tem mostrado a importância da construção de uma pedagogia centrada na criança, o que nos instiga à busca por uma educação das crianças pequenas... e nos convida a uma revisão da formação de professores(as) de crianças de 0 a 5 anos. (FREITAS *apud* DRUMMOND; et al, 2016, p. 36).

Após a exposição dos dados da pesquisa, passo, agora, à etapa denominada de considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o período em que trabalhamos com o Estágio Supervisionado, deparamo-nos com uma intensa rotina, de leituras, pesquisas e planejamentos. Essas leituras foram trazidas pelos professores orientadores no intuito de auxiliar-nos no desenvolvimento de um trabalho com qualidade, contemplando a interdisciplinaridade.

A pesquisa concretizou-se dentro dos objetivos planejados. Busquei compreender a interpretação que a turma de concluintes 2017/1 teve ao chegar ao final do estágio.

Assim sendo, considero que, embora todos os resultados não tenham saído como gostaríamos, isso não significa invalidação da proposta do estágio. Pelo contrário, o resultado da pesquisa leva-me a pensar que somente uma proposta progressiva, provavelmente, conseguiria produzir efeitos positivos no ensino em nosso país.

Neste sentido, creio que há a necessidade da implantação de aulas mais dinâmicas e interativas, onde os professores trabalhem de maneira lúdica. Portanto, defendo a necessidade, de ser trabalhado na escola a cooperação e, o mais importante, o trabalho em equipe e não o de competição.

A metodologia do professor influencia na aprendizagem do aluno. Pois esta é o elemento chave para a adaptação do aluno à escola, ou seja, é um fator importante para que os objetivos sejam alcançados.

A experiência com o estágio foi de certo modo satisfatória. Apenas alguns elementos como, calor excessivo, sala superlotada e o mais importante, não dominávamos os conteúdos básicos para ministrar as aulas. Mas, conseguimos alcançar o objetivo que era trabalhar de formar lúdica e interdisciplinar.

Durante nossa trajetória como estagiários tivemos muita resistência por parte dos alunos e, principalmente, por parte da escola, devido ao grande número de pessoas ministrando uma aula. As instituições simplesmente cediam suas salas de aulas, mas, os olhares nos corredores deixavam bem claro que nós estagiários não tínhamos muito que oferecer para aquelas crianças.

Enfatizo que os estudantes de Pedagogia deveriam iniciar as visitas às escolas desde o primeiro período do curso. Desta maneira, provavelmente, seríamos profissionais mais capacitados para atuar dentro de uma sala de aula. É sabido também, que o trabalho na escola é feito de maneira individual e não em grupo, como é trabalhado no estágio.

Outro elemento muito importante que percebi durante o estágio foram as dificuldades que encontramos em desempenhar a função de professor. O desafio de sê-lo vai

mais além do que a experiência do estágio nos proporciona. Para ensinar é necessário saber ensinar e saber identificar as dificuldades existentes dentro da sala de aula. Precisa ser artista para despertar a curiosidade dos seus educandos e, principalmente, ter respeito com os saberes que aquelas crianças trazem consigo. E o mais importante é estar sempre inovando e pesquisando novos métodos de ensino, que realmente façam efeito na vida real.

Após a realização do nosso estágio, considero a necessidade de maior parceria entre as escolas e instituição formadora. Neste caso, as escolas deveriam ter mais interesse sobre o estágio, cobrando dos professores da UFT e dos estagiários, mais comprometimento com a escola em que ele está estagiando. Penso também que há a necessidade de debate entre escola, universidade e estagiários visando, assim, avaliar o estágio e também caso seja necessário propor mudanças de rumos.

REFERÊNCIAS

DRUMOND, Viviane; AMORIN, Patrícia Gomes do Nascimento; BEZERRA, Jucilene Neres; CORSINO, Silvania. Uma experiência de estágio na educação infantil: o trabalho com projetos pedagógicos. In: KHIDIR, Kaled Sulaiman; RODRIGUES, Rochelande Felipe & COSTA, Dailson Evangelista. **Práticas de ensino e (na) formação de professores: contribuições do Prodocência na UFT**. São Paulo, 2016. p. 21-37.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz E Terra, 2002. – (coleção leitura)

FREITAS, Helena Costa L. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 27 de set. de 2017.

JESUS, Deuselina Ribeiro de. **O papel do estágio supervisionado na formação do pedagogo: limites e possibilidades**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Pedagogia/ *Campus* Universitário de Miracema, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NEVES, Raimunda Claudia Loiola das. **Os desafios da práxis pedagógica: uma experiência com o estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Pedagogia/ *Campus* Universitário de Miracema, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teorias e metodologias. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis. Vozes, 2008. p. 215 – 253.

SILVA, Marinalva Alves. **Estágio Supervisionado: experiência com a leitura**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Pedagogia/ *Campus* Universitário de Miracema, 2009.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM A TURMA DE
CONCLUINTE DE 2017/1**

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM A TURMA DE
CONCLUINTE DE 2017/1**

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA COM A TURMA DE CONCLUINTE DE 2017/1.

- 1- Em sua opinião o período de observações e regências do estágio foram suficientes para a formação de um bom professor? Justifique.

- 2- Durante o processo de atuação no estágio, você deparou com alguma situação que a teoria aprendida na universidade não contribuiu para o exercício da prática? Justifique.

- 3- As disciplinas de fundamentos e metodologias contribuíram para o trabalho com o estágio? Justifique.

- 4- As teorias aprendidas no decorrer do curso foram desenvolvidas satisfatoriamente no estágio? Justifique.

- 5- Como é desenvolver uma aula para alunos reais, e não para alunos e escolas idealizados nos livros acadêmicos.

- 6- As atividades trabalhadas durante as regências contribuíram com a formação dos alunos da escola? Justifique.

- 7- Ao final das regências do estágio, qual reflexão você chegou?

- 8- Levando em consideração as experiências com o estágio supervisionado e todas as disciplinas estudadas no decorrer do curso, você considera-se um profissional competente para atuar dentro de uma sala de aula? Justifique.

- 9- Quais as recomendações você faria para melhorar o estágio do curso?